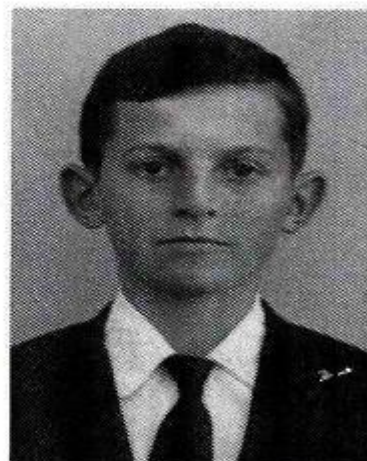



CELITO KESTERING

OS ESPIRITADOS DE DEUS

Aos pés do Serrote da Bastiana, na Fazenda Alma, Município de Coronel José Dias, Estado do Piauí, entorno do Parque Nacional Serra da Capivara, participo da escavação do Sítio Arqueológico Toca do Barrigudo. Nesse sítio, encontramos dois esqueletos humanos, vários artefatos da indústria lítica pré-histórica e ossos da megafauna pleistocênica. O primeiro esqueleto humano encontrado era de um homem que morreu aos cinqüenta anos de idade. O segundo, era de um menino que morreu aos cinco anos de idade. Estava ainda com todos os dentes de leite, em perfeíttimo estado de conservação, sem nenhuma cárie. Por detrás deles estava, já formada, toda a dentição permanente. Todos os seus dentes estavam perfeitos. Não temos ainda a datação dos dois esqueletos. Junto com eles,



no mesmo nível estratigráfico, a 80 cm da superfície, encontramos alguns ossos de preguiça gigante (*Eremotherium*), de tatu gigante (*Pampatherium*) e de outros animais que compunham a megafauna pleistocênica. A megafauna era composta de grandes animais que viveram na região Nordeste do Brasil, no período de 300.000 anos até 10.000 anos BP. A preguiça gigante media 11 metros de altura e o tatu gigante tinha o tamanho de um fusca. Esses animais viviam nessa região, quando o clima era tropical úmido. Com as mudanças ambientais que culminaram na instalação do clima tropical semi-árido, a paisagem sofreu grandes modificações. As novas condições ambientais não permitiram a sobrevivência desses grandes animais que morreram, quase sempre, perto de alguma lagoa onde existiam as últimas reservas de água.

Na sombra de um juazeiro (*Ziziphus joazeiro*), a cem metros do Sítio Arqueológico Toca do Barrigudo, está nosso acampamento. Minha rede está entre um galho do juazeiro e o tronco de um angico (*Anadenanthera macrocarpa*). Tive o cuidado de amarrá-la bem, com nó de porco que meu tio Zeca ensinou-me fazer. Em rede não se pode fazer nó cego. Queda de rede, dizem, é horrível para a coluna. Devo a tio Zeca ter aprendido fazer nó de porco e nunca ter caído de rede. É claro que tio Zeca nunca viu uma rede. Ele me ensinou a fazer nó

de porco, concertando cercas velhas, feitas ainda no tempo do *best-father*, para evitar que os porcos saíssem do pasto para comer aipim na roça do vizinho. Bem, o fato é que eu estou, deitado na rede, descansando um pouco, após ter almoçado muito bem, apesar de meu tradicional fastio. Comida boa é a que se prepara aqui no mato, em um fogão improvisado, com três pedras sustentando uma panela de barro cheia de carne de bode temperada com uma porção de coisa gostosa. Toda comida, quando temperada com pitadas de fome, fica gostosa em qualquer canto de nosso querido Brasil. No nosso acampamento, nunca faltam bode, farinha e café. Eu prefiro sempre um chá. Quase toda folha da caatinga é boa para chá. Tem chá brochante e tem chá levante. No lado da rede está o livro os **Espartanos de Deus** que Fiorindo Fontana mandou. Ainda não o paguei, mas já comecei a ler. De cara, gostei do título do livro. Ele resume o perfil do pessoal que nos antecedeu no Seminário. O livro, realmente, não poderia ter outro título. No seminário, crescia-se com o sentimento de guerreiros a serviço de Deus-Rei. “Não existia igual glória na terra, só servir a Jesus e reinar”.



Colação de Grau do Curso de Filosofia. Celito Kesting, Donato Piccolo Ortolan e Fiorindo Fontana recebendo os diplomas.

Tinha-se que ser fortes, destemidos, audaciosos como os espartanos. A austeridade, a disciplina, o trabalho, o estudo, o esporte e, acima de tudo, a espiritualidade eram valores cultivados para se crescer com uma alma sadia em um corpo também sadio. “*Mens sana in corpore sano*”. As turmas que nos antecederam não tinham três escolhas. Ou adequavam-se às normas tridentinas ou eram convidadas a deixar o “ninho santo de amor, jardim da vida florido,

canteiro de almas em flor”. Tudo era claro e dogmático. Regulamento era regulamento e tinha que ser respeitado porque Roma determinava. Deus gostava do que Roma pensava. O horizonte conceitual de Deus era determinado por Roma. “Deus era um espírito perfeitíssimo, criador do céu e da terra”. Santo era quem rezava muito, trabalhava feito doido, não tinha olhos para as primas e repetia jaculatórias (não eram ejaculatórias) o dia inteiro.

Afeiçoei-me à rotina do seminário, mas nunca me senti espartano de Deus. Penso que nossa turma, por ter vivido o *before*, o *during* e o *after concilium*, não conseguiu caracterizar-se como **Espartanos de Deus**. Nossa turma está mais para **Espiritados de Deus**. Será heresia pensar assim de uma turma tão boa quanto a nossa? Quando falo de nossa turma eu incluo todos, os padres, os seminaristas, as colendas, as domésticas e até os deserdados que não quiseram mais *ser*

pade para pade cer, no paraíso das baianas, preparado com carinho pela natureza tropical para presentear os espiritados mais afoitos. Penso que Sigmund Freud tem alguma explicação para o fenômeno. Não me serve, porém, a explicação do Sigmund. Ele perdeu-se em especulações filosóficas abstratas para explicar o inexplicável. Até hoje, depois de mais de trinta anos de procura, ainda não encontrei o **id**. Estou começando a pensar que o **id** é o mesmo **ponto G**. Vou, por isso, insistir em procurá-lo, principalmente por tratar-se de uma procura prazerosa.

Para Aurélio **espiritizar** é tornar inquieto, travesso, endiabrado. A inquietude parece caracterizar bem nossa turma que viveu, intensamente, no Seminário Nossa Senhora de Fátima, as mudanças que o Concílio Vaticano II provocou. Que tema para doutorado! **Pretensos espartanos, reais espiritados**. Talvez fique melhor assim: **Concílio Vaticano II, de Esparta para o Mundo**. Ou talvez ainda, no meu caso: **Concilium, via Tubarão-Bahia**. Que problemas teriam feito dos pretensos espartanos os reais espiritados?

Penso que alguns problemas foram provocados pelas abruptas mudanças nos horizontes conceituais de Deus. Nos primeiros anos de seminário, nosso Deus tinha horizontes bem definidos. Era pensado por Roma, para os interesses de Roma. A humanidade nascia com pecado original. Era má por natureza. Se os homens crescessem sem o temor dos castigos de Deus, a vida social seria impossível. Roma pensava ter a obrigação de controlar o lado mau das pessoas para que houvesse ordem no mundo. Eu achava o céu, retratado nos santinhos, muito bonito, mas tinha certeza de que não era para mim. Eu gostava muito da vida intensa, solta e prazerosa. Um colega meu, Juceli Pedro Camilo, confessou a tio João Kestring que exercitava diariamente aproximar-se do fogo, para acostumar-se com o inferno que tinha por certo, quando morresse. Vivia-se um clima de neurose coletiva que não se limitava aos horizontes do seminário. Toda a sociedade sul-catarinense, tradicionalmente religiosa, cumpria desesperadamente os preceitos de Roma para salvar a alma que, já naquele tempo, era neoliberal. A salvação que se pretendia conquistar era eterna, individual, egocêntrica e etnocêntrica. Éramos orientados para ser excelentíssimos e reverendíssimos a serviço do santíssimo, poderosíssimo, curiosíssimo e severíssimo Deus das alturas, preparando um crudelíssimo inferno para quem não conseguisse se boníssimo, servilíssimo e cordeiríssimo.

Chegaram as novidades do Concílio Vaticano II. Que maravilha! As missas começaram a ser em português. Entendíamos tudo o que se passava no altar. Deus chegou mais *soft*. Não era mais o perigosíssimo espírito perfeitíssimo. Ele chegava, agora como “pai que olha por mim, guia os meus passos e tudo o que faço na vida”. Que revolução! Deus não era mais castigador. Viva João XXIII que descobriu, no óbvio da simplicidade, que Deus não era tão cruel quanto seus antecessores, no auge da infalibilidade, pensavam que fosse. Vivemos intensamente o clima de euforia pós-conciliar trazida por um Deus atualizado. Os padres sempre jogaram muito limpo com nossa turma. Nada escondiam. No seminário, aprendia-se a partilhar o pão, as angústias, os sofrimentos e as alegrias. Sempre fomos uma grande família. Comíamos juntos o pão que Roma amassava. Partilhávamos juntos o autoritarismo do Concílio de Trento e a democracia do Concílio Vaticano II. Finalmente um novo Deus! Agora podíamos ler a bíblia e dar uma interpretação mais condizente com as circunstâncias da vida que vivíamos. Havia, na bíblia que liamos, palavras que eram severas... poderia ter havido um erro na tradução. Deus não teria inspirado palavras tão duras ao escritor sagrado. Ele era

Pai. Como soavam bem: “Deus não quer a morte do pecador, mas sim, que ele se converta e viva”; “Eu vim para que todos tenham vida, e a tenham em abundância”!... Finalmente, um convite de Deus para que se vivesse com plenitude os sentimentos, as emoções e a própria vida. Que bom ser convidado a viver a plenitude da efervescência hormonal da adolescência! Começaram a fazer sucesso os livros: Diálogo e Auto-realização de Valfredo Tepe; A vida Sexual dos Solteiros e Casados de João Mohana e outros congêneres. Na primeira oportunidade que tive, eu li, com sofreguidão, A Vida Sexual dos Solteiros e Casados. Enquanto lia, minha imaginação criava asas. Voava longe, muito longe. Visitava Anete, Lacioli, Abigail, Samira, Ana, Nadja e outras tantas mulheres que eu conhecia e que apresentavam qualidades de mulher ideal. Esse era o problema. Todas as mulheres eram ideais. Não, não eram todas. Havia mulher que era mais ideal que as outras. Não, também não era assim. Havia mulher que era ideal por um motivo e outras que eram ideais por outros predicados. A verdade é que eram mulheres e me deixavam intranquilo, impaciente e com crise vocacional. Eu tinha duas vocações ao mesmo tempo. Eu tinha vocação para ser padre e vocação para casar. Que confusão! Uma cabeça estava pronta para ser padre e a outra, pronta para casar. Li, com avidez, todo o segundo capítulo do livro de João Mohana. Quando terminei de ler o que mais me interessava, fiquei com um pouco de peso na consciência. Perguntei ao meu orientador espiritual, Pe. Antônio Damiani, se eu podia ler o tal livro. Disse-me, cômico de que eu obedeceria sua orientação: O Celito pode ler. O Celito já é mocinho. Pode ler sim... mas... somente a primeira parte. Eu não podia enganar tio Davus. Disse-lhe, de pronto: É só o que falta ler. A segunda parte eu já “devorei” .

Depois, viemos ao Nordeste. De cara, encontramos Dom José Rodrigues, Dom Helder Câmara, Dom Pedro Casaldáliga, Dom José Brandão e toda uma linha de agentes pastorais adeptos da Teologia da Libertação. Eu estava preparado para abraçar qualquer novidade que aparecesse no campo religioso. Filósofo, recém-formado, ávido de novas idéias e de novas práticas, embarquei nesse projeto coletivo de vida e de ação religiosa. Até hoje, emociono-me quando lembro de Dom Helder, dizendo para nós: “Não tenham medo da Bomba A (Atômica); não tenham medo da Bomba H (Hidrogênio); Tenham medo da Bomba M (Miséria)”. No auge da ditadura militar, fazíamos reuniões secretas. Na primeira reunião da CPT, acontecia, concomitantemente, um grande evento político promovido por Chico Pinto, em Feira de Santana, BA. Fomos avisados para que não sássemos do centro de treinamento diocesano porque o pessoal do SNI estaria fotografando o evento para comprovar envolvimento da Igreja com ações subversivas.

Quando deixei o seminário, para dedicar-me às atividades pastorais, na cidade de Rodelas, BA, eu tinha a compreensão de que Deus não era absoluto. Eu havia conhecido um Deus antes e outro depois do Concílio Vaticano II. Deus era, para mim, relativo. Era, porém, um relativo duvidoso. Parecia-me, agora, que o Deus da Teologia da Libertação era diferente dos outros dois que eu havia conhecido. Era o Deus da Justiça.

Infelizmente, tenho que interromper meu devaneio. O pessoal da escavação diz que quer recomeçá-la um pouco mais cedo, para encerrar também mais cedo. No local onde estamos escavando escurece mais cedo por causa da sombra do Serrote da Bastiana.

Algumas semanas depois...

Volto ao meu devaneio sobre os **Espiritados de Deus**. Estou, agora, coordenando os trabalhos de escavação do Sítio Arqueológico Toca da Pedra Solta da Serra Branca, situado dentro do Parque Nacional Serra da Capivara, no Município de São Raimundo Nonato, PI. Estamos na 7ª decapagem. Já encontramos muitos vestígios arqueológicos dos “maniçobeiros” que, no início do século passado, extraíam látex da maniçoba (arvoreta de cujo látex se obtém borracha de segunda classe), abundante na região Sudeste do Piauí. Dentre os vestígios dos “maniçobeiros”, encontrados nas camadas estratigráficas superiores, destacam-se: tiras de couro, pedras de amolar, cacos de cerâmica, cacos de vidro, pedaços de flandre, restos de madeira, carvão e ossos de tatu. Um pedaço da carapaça de um tatu canastra foi encontrado, entre os vestígios dos “maniçobeiros”, o que mostra não ter sido ainda extinto na região, quando os “maniçobeiros” ocupavam a área do atual Parque Nacional Serra da Capivara. Teriam sido eles os responsáveis pelo extermínio da ema, do tatu canastra e de outros animais que compunham a fauna regional? Nas camadas estratigráficas mais profundas, encontramos muitos vestígios da indústria lítica pré-histórica. Encontramos, também, em partes da rocha, na 6ª decapagem, algumas cicatrizes provocadas pela força motriz de um grande rio cujas águas circundavam a Pedra Solta, durante o Pleistoceno. No entorno da Pedra Solta, escavamos trincheiras para sondagem do sedimento quaternário. Encontramos sedimentos com sete metros de profundidade. Amostras desses sedimentos serão encaminhadas a laboratório, para datação. As camadas profundas são mais antigas que as superficiais. Queremos comprovar que todo o sedimento do entorno da Pedra Solta formou-se de 10.000 anos BP para cá, quando o clima semi-árido instalou-se na região Nordeste do Brasil, com a conseqüente redução do volume de água das bacias hidrográficas.

Armei minha rede entre dois pés de cangalheira. A cangalheira é uma planta de porte arbóreo que os sertanejos utilizam para fazer cangalhas. As cangalhas são usadas nas costas dos jumentos, para o transporte de mercadorias. Utiliza-se a cangalheira na medicina caseira, como diurético. Serve também para os arqueólogos amarrarem nelas suas redes. Cortei dois galhos de uma das cangalheiras. Fiz um bom chá, ontem à noite. Não me dei bem. Acordei-me umas cinco vezes, durante a noite, para realizar o ritual da micção. Dizem os sertanejos que a cangalheira é chá levante. Dizem que resolve o problema de quem dorme “bunda com bunda” com a esposa. Constatei que a pressão da urina na bexiga, realmente, provoca uma relativa ereção. Esvaziado o tanque mictórico, porém, esvai-se o tesão e o sonho acalentado pelos brochados.

Meu cobertor são as estrelas. Meu *abajour*, a lua. No meio da caatinga, sem as luzes das cidades, as noites são mais escuras e a lua parece clarear mais. Não clareia, porém, o suficiente para quem quer ler ou escrever. Amarrei, por isso, minha lanterna em um galho da cangalheira para continuar meu devaneio sobre os **Espiritados de Deus**.

Conheci, na Bahia, o Candomblé, religião dos negros de origem africana. Participei de muitos de seus rituais. Conheci, por dentro, a religião milenar dos negros. Meu vizinho tem um terreiro, onde realiza, semanalmente, danças religiosas. A sala é toda ornamentada. Invocam-se os espíritos que, atendendo às solicitações, incorporam-se nos pais e mães de santo para fazer recomendações a quem sofra de doenças espirituais, comportamentais ou físicas.

Conheci o toré, dança ritual indígena em que se bebe a “juremada” (suco alucinógeno extraído da jurema (*Mimosa hostilis*) para se poder conversar com os espíritos dos ancestrais

indígenas e ouvir deles recomendações para a cura de doenças do mundo, do mato ou do espírito. Jurema é “ árvore meã, de folhagem espessa; dá um fruto excessivamente amargo, de cheiro acre, do qual juntamente com as folhas e outros ingredientes preparavam os selvagens uma bebida, que tinha o efeito do haxixe, de produzir sonhos tão vivos e intensos, que a pessoa fruía neles melhor do que na realidade. A fabricação desse licor era um segredo, explorado pelos pajés, em proveito de sua influência. Jurema é composto de **ju** – espinho, e **rema** – cheiro desagradável” José de Alencar, in Iracema. Participei de muitos torés, mas não tive o direito de provar a juremada. Dizem os índios que os brancos que dele experimentam passam a ter doenças porque não sabem conviver com os espíritos de seus ancestrais.

Conheci muitas outras expressões religiosas. Prossegui minha caminhada na busca da verdade. Descobri que nenhuma verdade é absoluta. Deus, para mim, ia ficando sempre mais relativo, até o dia em que, na busca de fazer a ruptura epistemológica (passagem do conhecimento dogmático, para o filosófico e do filosófico para o científico) abriu-se o nó da questão. Encontrei o *busilis*. Tudo, **absolutamente tudo**, é relativo. Relativizei o absoluto. Absolutizei o relativismo. Fiz a ruptura epistemológica. Sou cientista, logo relativista. Só o que existe de absoluto é o relativismo. Aprofundei-me no estruturalismo. Entendi que o universo é um sistema cujos componentes agem e reagem entre si. Nada se cria. Nada se perde. Tudo se transforma. Os centros são sempre relativos. Acabou-se o etnocentrismo religioso. Esvaiu-se o sonho de salvar a minha alma egocêntrica. Acabou-se a crença no Deus absoluto e centralizador, controlando a humanidade com ameaças de castigo. Deus não controla o comportamento dos empedernidos fatores de desordem social e nem daqueles que desfrutam as benesses que a vida reserva para quem sabe viver bem. Compreendi que a salvação é temporal e coletiva. Salvar-se-á a humanidade se tiver a consciência coletiva da necessidade de construir a harmonia entre todos os componentes do sistema universal. A harmonia universal somente será possível quando a humanidade deixar de cultuar o teocentrismo, o etnocentrismo e o egocentrismo. Conquistar-se-á a harmonia universal, o Reino de Deus, quando se buscar compreender, em profundidade, as leis naturais para a solucionar problemas coletivos. Não existem cientistas neoliberais. Neoliberalismo é antropofagia. Entendi que nem o amor e nem a harmonia são absolutos. Existem diferentes formas e expressões de amor e de harmonia. O amor e a harmonia são quantificáveis. São objetos científicáveis. Urge que se desumanizem as ciências humanas para que elas saiam do ostracismo subjetivista e contribuam para a compreensão do homem e da mulher como animais, com padrão comportamental (bom e mau) próprio de sua espécie.

Trabalhei, na CPT, com D. José Rodrigues de Souza, Bispo da Diocese de Juazeiro, durante muito tempo. Engajei-me na política. Fui eleito vereador pelo Partido dos Trabalhadores. Decepionei-me com a política partidária. Não levo jeito para o exercício do faz-de-conta. Aprendi o exercício efetivo do serviço. Não sei lidar com o poder. Fui vigário da Paróquia de Sobradinho. Fui secretário de Planejamento da Prefeitura Municipal de Sobradinho. Sou engenheiro agrônomo efetivo da Prefeitura de Sobradinho. Sou professor de História da Secretaria de Educação do Estado da Bahia. Especializei-me em Realidade Brasileira no Instituto João XXIII, Rio de Janeiro. Fiz mestrado em Pintura Rupestre, na Universidade Federal de Pernambuco. Vivo sempre, buscando aprender. Sempre fui curioso.

Gosto de ser curioso. Tenho um sonho: Implantar o Corredor Ecológico do Semi-árido, na região de Sobradinho, Bahia, para preservar a vida em suas mais variadas expressões e a cultura pré-histórica que a ação deletéria do tempo preservou.

Findo minha escrita. Honro meu compromisso com Fiorindo Fontana. Lamento não ter tempo para prosseguir. Não poderia deixar de dizer apenas que sou um homem feliz e realizado porque estou de bem com a vida. Vivo-a intensamente. A ciência fez-me agnóstico. Reforçou meu compromisso com a vida. Fez-me entender que a salvação é temporal e coletiva. Sou guerreiro espiritado. Participo da construção de um mundo onde todos possam ter vida e possam tê-la em abundância. No Parque Nacional Serra da Capivara, contribuo para o resgate da harmonia ambiental, destruída pelo colonizador cristão que aqui chegou, com seu deus absoluto, não viu ninguém e não enxergou nada. Matou todos. Destruíu tudo. No final da vida, pagou os jesuítas para salvarem sua alma. Continuo, à distância, partilhando minha vida com Ducilene (a baiana que me faz feliz) e com nossos filhos Rodrigo, Celene e Bruno (os baianos que completam minha felicidade).

Sou católico apostólico. Amo nossa Igreja porque, assim como eu, é santa e pecadora. Odeio do deus absoluto de Bush porque é WASP (*white, anglo-saxon and protestant*) etnocêntrico e genocida. Amo todas as expressões religiosas que defendem a vida em todas as suas expressões. Amo nosso seminário *before concilium* porque ensinou-me a ser disciplinado. Amo nosso seminário *during concilium* porque ensinou-me a viver em equipe. Amo nosso seminário *after concilium* porque foi a plataforma de onde saltei para o mundo, para a liberdade responsável, para a vida e para a felicidade. **Sou um espiritado de Deus.**

Não será demais incluir, na minha escrita, o mais recente soneto que fiz a Ducilene, com quem, no dia 24 de dezembro do corrente ano, festejarei as bodas de prata. Em tempo, aprendi a fazer poesia, na tora, com Pe. Antônio Jerônimo Herdt. Minha nota era sempre 6. A nota 10 era reservada para o Agenor Margotti. Mesmo tirando nota 6, aprendi fazer versos com métrica e rima. Tenho várias poesias escritas. Gosto mesmo é de Soneto.

Soneto a Ducilene

Você nasceu, a família sorriu.
Acordou em festa o sertão bravio.
Você trouxe sossego e entusiasmo;
Compensou a angústia, do parto o espasmo.

Bela e formosa, de frente e perfil,
Energiza o meu vigor varonil.
Enquanto você, de Eros for pleonasma,
Deleita-me viver feliz e pasmo.

Com você o meu prazer não tem pousio.
Mas quando a morte deixar-me vazio,
Incultos herdarão sutil sarcasmo.

No seio da terra, hirto e viril,
Livre do tempo, da pressa e marasmo
Gozarei, com você, o eterno orgasmo.

A Música

A vida no Seminário era prazerosa. Como eu gostava da música! Nos primeiros anos eu achava muito chato ouvir música clássica. Eu gostava de música caipira. Depois fui educando meu ouvido para ouvir música boa. As primeiras aulas de solfejo foram muito chatas. Consegui aprender música mesmo foi com Pe. Silvestre Philippi e Pe. Antônio Jerônimo Heerd. Nunca esqueço o dia em que Pe. Antônio Heerd deu-me a responsabilidade de ensaiar o tenor para, nos ensaios gerais com todo o coral, não perdesse tempo, ensaiando cada turma individualmente. Deu-me para ensaiar, músicas que eu nunca tinha ouvido. Disse-lhe, de pronto: Tudo bem, eu ensaio, mas preciso que alguém me ensine primeiro. Disse-me ele, também de pronto: Você sabe. Eu sei que você sabe. Você aprendeu solfejar. Você sabe. Pegue essas músicas. Quero-as ensaiadas na quinta-feira da semana que vem. Trabalhei duro. No



*Celito Kesting com
seu contrabaixo
de corda.*

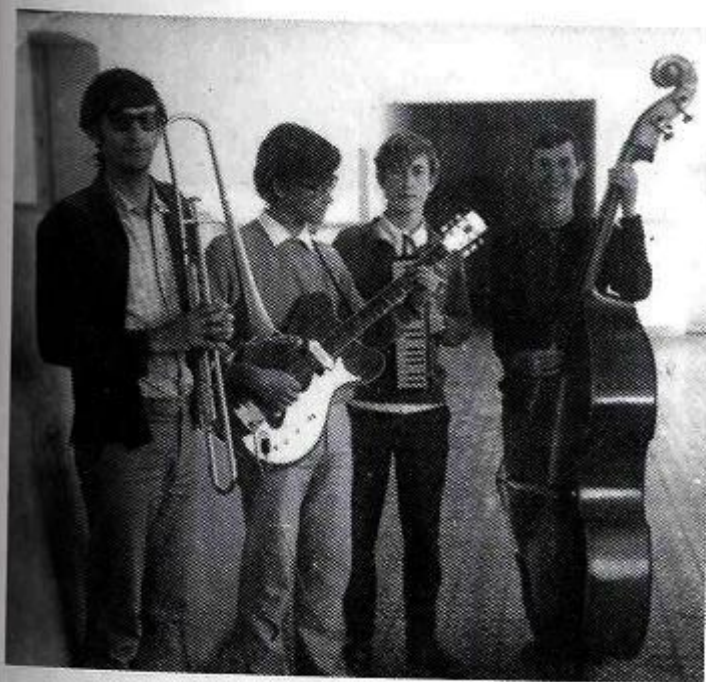


Bateria: Hélio Baschiroto. Guitarra: Golberto Salvato e Euclides Pazini. Acordeón: Sérgio Baschiroto. Trombone: Miraldo Damiani. Escoletas: Vilmar Simon, Célio Buss, Cledomir Machado, Wilson Buss, Valério Wernke

dia marcado eu estava com todas as músicas ensaiadas. Superei-me. Pe. Toninho acreditava mais em mim do que eu mesmo.

Se eu pudesse, não faria outra coisa. Dedicar-me-ia somente à música. Eu toquei vários instrumentos. O instrumento com que mais me afeiçoei foi o contrabaixo de corda. Infelizmente o incêndio... Maldito incêndio! Acabou com nossa orquestra. Em seu lugar foram chegando os instrumentos eletrônicos. Em lugar do velho contrabaixo veio a guitarra. Neguei-me a aprender. Nunca mais toquei contrabaixo.

Duvido que alguém ensine música melhor do que o Pe. Silvestre Phillipi. Eu não conseguia aprender, de imediato. Todos tocavam, e o meu instrumento... nada. De repente, a música fluía. Pe. Silvestre não dizia nada. Piscava o olho. Fazia um sutil sinal de positivo. Esboçava um sorriso. Somente ele e eu sabíamos. Naquele momento tinha nascido um músico.



Miraldo Damiani, Gilberto Salvato, Valério Wernke e Celito Kesting.



O Coral Elfos da Cidade Azul em uma apresentação solene.



Violão: Nunes, Euclides Pazini,, Niton Féliz de Luca, Gilberto Salvato,
 Trombone: Miraldo Damiani, Ademir Buss. Violino: Salésio Herdt. Escaleta: Valério Vernke.
 Piston: Evaristo Vieira. Acordeon: Sérgio Baschiroto e Valdir Baschiroto.
 Caixa: Rabecão: Celito Kesting. Tuba:

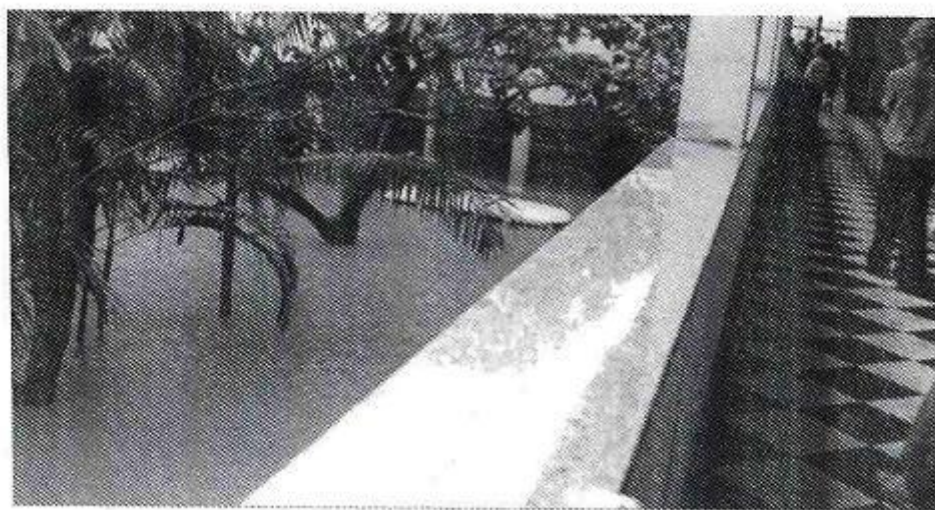


Catequistas: Donato Piccolo
 Ortolan, Sérgio Damiani,
 Geraldo Zanini, Bonifácio
 Schulz, Vilmar Moretti,
 Maximino Damiani, Celito
 Kesting, Agenor Briguenti e
 João Gava.

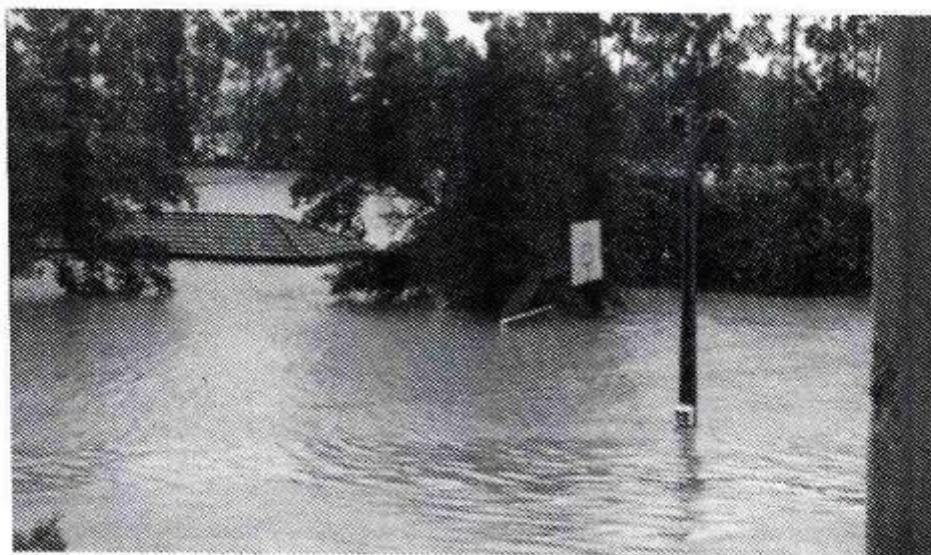
*Evangelizare pauperibus misit
 me.*

*No Morrotes, participávamos,
 também, de um grupo de
 jovens muito dinâmico.*

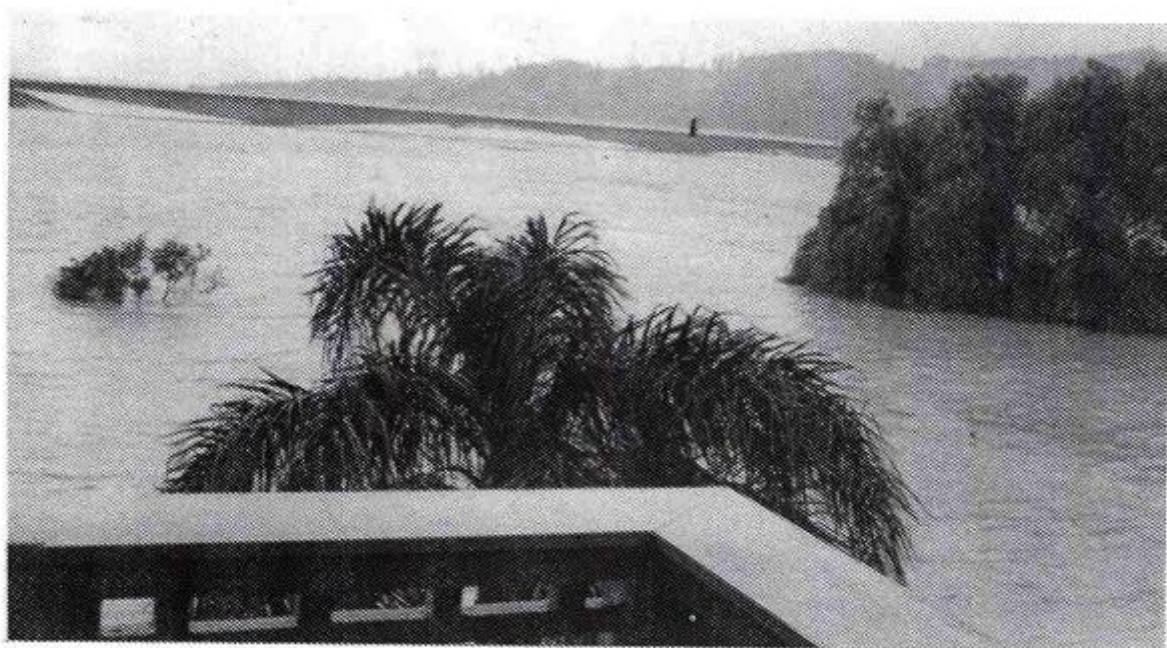
A Enchente de 1974



A kombi submersa não era um detalhe. Era uma referência para quantificar o volume de água da maior enchente que Tubarão conheceu. No primeiro andar do Seminário, nada podíamos fazer além de ver o que se passava e temer que desmoronassem as paredes e rúisse a nossa esperança de sobrevivermos ao episódio.



Também não eram detalhes o telhado dos sanitários, a trave do campo de futebol de salão e a tabela da quadra de basquete. Tudo ficou inundado. Era muita água! Como estaria o povo que morava nos lugares mais baixos da cidade de Tubarão? Nada sabíamos. Nenhuma notícia! Nada a fazer que não fosse esperar. Só esperar. Como o tempo demorou a passar! Se, pelo menos um helicóptero!... Não adianta! Onde pousar?



Quando vi que as águas da enchente estavam quase cobrindo a ponte da BR 101, peguei uma bola de basquete. Coloquei-a em uma fronha e confabulei com meus botões: "Vou boiar até a BR 101. Com um pouco de esforço eu posso vencer a correnteza. A água não tem muita velocidade. Se eu não consigo chegar no asfalto, deixo que me arraste... até o mar. As ondas do mar deixam-me em alguma praia".



Quando a água baixou, alguns seminaristas foram até a casa das irmãs pegar comida. O Seminário não tinha condições de abrigo. Eu fiz, a pé, o trecho Tubarão - São Ludgero, via Barra do Norte. Não havia estrada. Não havia ponte. Pernoitei na casa de Inácio Custódio, na Ponte Baixa. No outro dia segui viagem. Quando cheguei em São Ludgero, não havia mais ponte. Atravessei o rio em uma balsa improvisada. Segui viagem para Morro do Cruzeiro. Cheguei, finalmente, em casa. Minha mãe chorou de felicidade. Seu filho estava vivo. Duas horas depois, choramos de tristeza. Chegou a notícia de que a mãe de Bonifácio Schulz... A enchente tinha levado. Nunca mais dela se teve notícia alguma.

O Esporte



Todo o mundo sabe que eu não era um grande atleta. Eu era esforçado. O nosso técnico, Vicente Schlickman, achou que eu tinha competência para carregar a bandeira da Fundação Educacional do Sul de Santa Catarina junto com Ademir Buss (de saudosa memória), no desfile de abertura dos Jogos Universitários de Santa Catarina, em Florianópolis. Ademir, sim, era um atleta completo. Jogava, muito bem, vôlei e futebol.

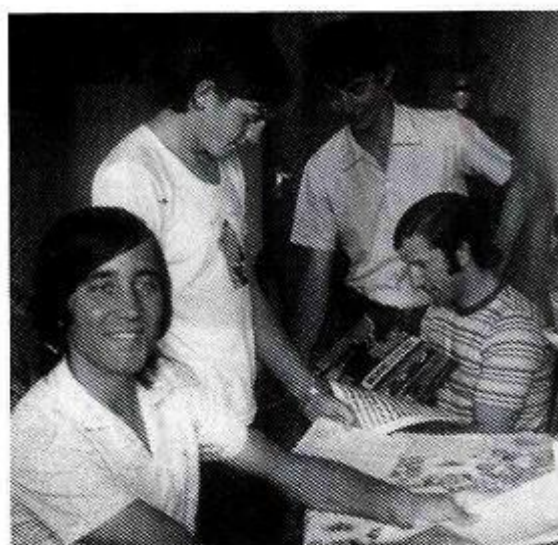


Donato Piccolo Ortolan, Wilson Tenfen, Jairo Tomazi, Agenor Margotti, Irineu May, Beno Schilickmann, Vicente Schlickman, Célio Buss, Sérgio Damiani, Celito Kesting, Fiorindo José Fontana e Osvaldo Heidemann, representando, no basquete, a Fundação Educacional do Sul de Santa Catarina, em Florianópolis. Tinha que o Agenor deixar o Jairo em situação desajeitada na foto?

Filosofia

Fomos a turma pioneira da Faculdade de Filosofia da Fundação Educacional do Sul de Santa Catarina - FESC. Eu tinha feito um bom vestibular. Tinha estudado muito. Estava convicto de que passaria, mas nem por isso deixei de sentir um friozinho na barriga, quando fui ver o resultado. Enfim saiu a lista. Todos os seminaristas que participaram do concurso foram aprovados. Confirmou-se, o conceito que gozávamos na cidade de Tubarão. O povo costumava dizer que éramos a nata da intelectualidade tubaronense. *Vox populi, vox Dei. Finaliter, in universitate.* Fizemos grandíssima festa. Pintamos um jumento. Demos a ele o título de filósofo e com ele desfilamos pelas principais ruas da cidade de Tubarão.

Na Faculdade de Filosofia, tínhamos aulas teóricas, aulas práticas, provas escritas objetivas ou subjetivas e trabalhos. Estudávamos muito. Lembro que Miguel de Montaigne, na versão de Pepe (Francisco Guedin Mezari), era um menino educado, obediente a seus pais, devoto da Virgem Maria e que fazia todos os deveres de casa antes de praticar qualquer esporte. Em que enciclopédia o Pepe teria encontrado essas informações? Em nenhuma. Pura dedução lógica. "Era uma pessoa boa, logo tinha todas essas qualidades".



Sérgio Bitencourt, com nossa turma de Filosofia, em aula prática de Antropologia Cultural, visitando a antiga SOTELCA. Na foto: Celito Kesting, Wilson Tenfen, Francisco Mezari, Donato Ortolan, Sérgio Damiani e Fiorindo Fontana.

João Gava, Geraldo Zanini, Celito Kesting e Francisco Guedin Mezari, fazendo revisão no trabalho sobre Miguel de Montaigne.





Celito Kesting, Aldo Buss, Fiorindo José Fontana, Vanilde Bétrigo, Adélia Brognoli, Sérgio Damiani, Francisco Guedin Mezari, Wilson Tenfen, Henrique Vicente Bittencourt, Geni Colodeti, Bonifácio Schulz, Donato Piccolo Ortolan, Maximino Damiani, João Gava e Ademir Buss, todos alunos do 1º curso de Filosofia da FESC.

Celito Kesting

Data de Nascimento - 20 de abril de 1952

Naturalidade - Orleans, Santa Catarina

Filiação - Luiz Kesting e Tabita Böger Kesting

Formação Acadêmica

Curso Primário Elementar – Escola Estadual Morro do Cruzeiro

Ensino Fundamental II – Seminário Nossa Senhora de Fátima

Curso Científico – Seminário Nossa Senhora de Fátima

Licenciatura Plena em Filosofia – Fundação Educacional do Sul de Santa Catarina

Tubarão - Santa Catarina

Engenharia Agrônoma – Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco

Juazeiro - Bahia

Especialização em Realidade Nacional e Desenvolvimento

Instituto Brasileiro de Desenvolvimento

Rio de Janeiro - RJ

Mestrado em Pré-história – Universidade Federal de Pernambuco

Recife

Experiência Profissional

Professor – Seminário Nossa Senhora de Fátima, Tubarão, SC – 1972 a 1974

- Colégio Luiz Viana, Rodelas, BA – 1975 e 1976

- Colégio Nossa Senhora do Rosário, Rodelas, BA – 1975 e 1976

- Centro Educacional de Sobradinho, BA – 1977

- Escola Estadual São Joaquim, Sobradinho – 1992 - 2001.

Técnico de Desenvolvimento de Comunidades – FUNDESCO – 1977 e 1978.

Engenheiro Agrônomo – Sociedade das Obras Sociais e Educativas da Diocese de Juazeiro, BA – 1981 a 1990

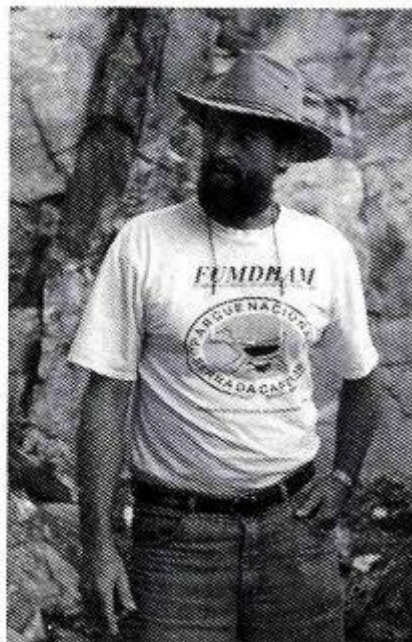
- Prefeitura Municipal de Sobradinho – 1990 - 2002.

Diretor – Escola Família Agrícola de Sobradinho, BA – 1989 e 1990

Vereador - Câmara Municipal de Sobradinho, BA – 1990 a 1992

Assessor – Prefeitura Municipal de Sobradinho

- Planejamento – 1993 a 1995



- Meio Ambiente e Turismo – 1997, 1999 e 2000

Secretário – Prefeitura Municipal de Sobradinho

- Planejamento – 2001.

Arqueólogo – Fundação Museu do Homem Americano - FUMDHAM -2002

Residência

Rua Abdias Neves, 551 - Centro

64770-000 - São Raimundo Nonato, PI

Fone: (89) 582-2001

E-mail: kester@terra.com.br